



MÚSICA, COMUNICAÇÃO E DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS AMEFRICANAS DE INVESTIGAÇÃO

MUSIC, COMMUNICATION AND DECOLONIALITY: AMERICAN
RESEARCH PERSPECTIVES

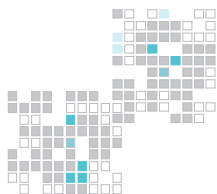
MÚSICA, COMUNICACIÓN Y DECOLONIALIDAD: PERSPECTIVAS
AMEFRICANAS DE LA INVESTIGACIÓN

Tatiana Rodrigues Lima

■ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia e professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde leciona no Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Bicult), Curso Superior Tecnológico em Produção Musical e Licenciatura em Música Popular Brasileira. Também é professora do curso de Pós-Graduação Cidadania e Ambientes Culturais. Lidera o grupo de pesquisa Música e Mediações Culturais - MusPop/MMC (CNPq/UFRB).

■ *Doctora en Comunicación y Cultura Contemporâneas por la Universidad Federal de Bahía y profesora adjunta de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahía (UFRB), donde imparte clases en la Licenciatura Interdisciplinar en Cultura, Lenguas y Tecnologías Aplicadas (Bicult), el Curso Tecnológico Superior en Producción Musical y la Licenciatura en Música Popular Brasileña. También es profesora del programa de posgrado Ciudadanía y Entornos Culturales. Dirige el grupo de investigación Música y Mediaciones Culturales - MusPop/MMC (CNPq/UFRB).*

■ Email: tatianarodrigues@ufrb.edu.br



RESUMO

O texto discute abordagens decoloniais da comunicação da música a partir do conceito de amefricanidade. A introdução faz referência à crítica à Modernidade empreendida no Norte Global. No item 1, esboça-se uma arqueologia dos estudos decoloniais. Em seguida são discutidas metodologias na encruzilhada e abordagens sobre performances. Na seção 3 debate-se a categoria político-cultural “amefricanidade”. A seção 4 problematiza os estudos comunicacionais da música e defende a cartografia como trilha heurística. Conclui-se elencando algumas ações para decolonizar investigações comunicacionais e musicais.

PALAVRAS-CHAVE: MÚSICA E COMUNICAÇÃO, AMEFRICANIDADE, DECOLONIALIDADE, PERFORMANCE.

ABSTRACT

The text discusses decolonial approaches to the communication of music employing the concept of “amefricanidade”. The introduction refers to criticism of modernity carried out in the global North. In item 1, there is an archeology of decolonial studies. Next, methodologies of crossroads and approaches about performances are discussed. Section 3 discusses the political-cultural category “amefricanidade”. Section 4 problematizes communication studies of music and defends cartography as a heuristic method. It is concluded by listing some actions to decolonize communication and musical investigations.

KEYWORDS: MUSIC AND COMMUNICATION, AMEFRICANIDADE, DECOLONIALITY PERFORMANCE.

RESUMEN

El texto analiza los enfoques decoloniales de la comunicación musical basados en el concepto de “amefricanidade”. La introducción hace referencia al pensamiento crítico hacia la Modernidad emprendido en el Norte Global. En el ítem 1, se esboza una arqueología de los estudios decoloniales. En la siguiente parte, se discuten las metodologías en la encrucijada y los enfoques del performance. La sección 3 discute la categoría político-cultural “amefricanidade”. La sección 4 discute los estudios comunicacionales de la música y defiende la cartografía como vía heurística. Concluye enumerando algunas acciones para descolonizar las investigaciones comunicacionales y musicales.

PALABRAS CLAVE: MÚSICA Y COMUNICACIÓN, AMEFRICANIDADE, DECOLONIALIDAD, PERFORMANCE.



Introdução

Este texto aborda a virada epistemológica decolonial em curso nos estudos da Comunicação e, mais diretamente, nas investigações das interfaces entre comunicação, cultura e música. Busca trilhas que tensionem a orientação acadêmica eurocentrada¹ e coloquem em relevo os conflitos, negociações, potências e idiosincrasias dos sujeitos que produzem cultura em um contexto de colonialidade e de onipresença das plataformas de comunicação digitais. Trata-se de um cenário tão instigante quanto desafiador. As vertentes do pensamento gestadas no chamado Norte Global durante o século XX, da Teoria Crítica ao pós-estruturalismo, propiciaram a problematização da modernidade e a abordagem da contemporaneidade com atenção para a comunicação e para as criações culturais, artísticas e midiáticas, mas essas correntes não dão conta de indagações pungentes no contexto de resistência e colonialidade política, econômica, cultural e comunicacional da América Latina, a despeito do fim dos regimes políticos colonialistas. Como constata Karina Olarte Quiroz (2016, p.10),

se suceden propuestas como la industria cultural (Horkheimer y Adorno), la teoría culturoológica (Morín), los cultural studies (Centro de estudios culturales de Birmingham de Inglaterra) [...]. Estas nuevas propuestas buscaban diferenciar más que homogeneizar, entre los consumidores, el individuo y los productos culturales, desde una sociología y antropología que confirmaba la diferencia, la identidad e ideología en la construcción social y cultural de las sociedades.

Para América Latina, el conocimiento

construido en el campo de la comunicación desde su origen eurocéntrico y norteamericano, no es suficiente para 'acoplarlo a su realidad'.

Vale assinalar ainda que os pensadores de referência no campo das ciências sociais, da comunicação e da filosofia ocidentais têm em sua maioria a mesma cor e gênero. Como sintetiza Grada Kilomba (2019, p.53) “o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder e raça”. A branquitude e os privilégios patriarcais fizeram com que autores basilares do pensamento crítico contemporâneo passassem ao largo de questões envolvendo sujeitos em situação de colonialidade, sujeitos esses detentores de um manancial de saberes e fazeres filosóficos, comunicacionais e artísticos que vêm sendo obliterados por séculos a fio, não obstante seu grande potencial enquanto fonte e método de produção de conhecimentos. Uma parte da literatura científica produzida no Norte Global, legitimada no ocidente, contribui com metodologias e visadas teóricas produtivas, mas que não acessam complexidades envolvendo dimensões afetivas, éticas, transcendentais e estéticas da produção dos sujeitos no Sul Global. Ao mesmo tempo, no século XX e nas primeiras décadas do século XXI, sedimentou-se um manancial de reflexões e questionamentos que tensionam a colonialidade em diversificados campos do pensamento, a exemplo dos estudos culturais latino-americanos (Grosfoguel, 2020; Mignolo, 2017), do feminismo negro (Collins, 2019; Vergès, 2020; Gonzalez, 2020; hooks, 2019) da teoria queer (Butler, 2018), dentre outras vertentes que se apresentam como paradigmas possíveis para pensar os atravessamentos raciais, culturais e sociais suscitados pelos sujeitos afro-americanos (Gonzalez, 2020) e suas produções ancestrais-contemporâneas. As sensibilidades, modos de comunicar e os fazeres artísticos afro-

¹ O termo não se refere à totalidade da produção acadêmica realizada em solo europeu e sim à significante parcela dessa produção que se pauta pela lógica do racionalismo moderno.

diaspóricos, dos povos originários e de outros sujeitos periferizados projetam performances multifacetadas (Cardoso Filho; Gutmann, 2022) que se amplificam a partir do Sul Global e circulam pelas infovias mundiais no contexto da cultura da conectividade e das escutas conexas (Janotti Jr., 2021) acionando arquivos e repertórios (Taylor, 2013) contra-hegemônicos de grande interesse.

Tem-se, então, como problema central deste estudo o levantamento de operadores analíticos de viés decolonial e pluriversal que contemplem as interfaces entre música e comunicação, propiciando abordagens contra-hegemônicas para a análise da música, das mídias e de performances, com atenção para os atores do Sul Global, deslocando-os do lugar de objeto de pesquisa para incorporar seus mananciais teóricos e metodológicos – as suas potências enquanto sujeitos de fazeres e saberes, expressões e afetos erigidos nas frestas da opressão colonial.

1. Insurgências decoloniais

La decolonialidad es tanto el horizonte de comprensión crítica de la realidad social desde la historia concreta de los pueblos subordinados al dominio colonial y neocolonial como el desafío epistemológico y político liberador que se desprende de tal visión (Torrice, 2018, p.74).

A proposta de Comunicología de la Liberación, formulada nos anos 1970 pelo boliviano Luis Ramiro Beltrán, é apontada como referência para um pensamento decolonial na esfera da comunicação (Lara, 2022; Torrice, 2022). Os marcadores temporais, entretanto, não devem ser pensados como referenciais de uma suposta origem, e sim, a partir de parâmetros ao modo de uma arqueologia (Foucault, 2004), considerando os discursos em suas condições de produção (contextos) e formações discursivas

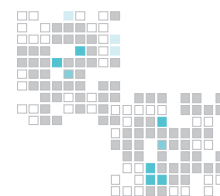
(camadas arqueológicas). Em consonância com um levantamento de Walter Mignolo, Verônica Maria Alves Lima aponta que, de forma geral, os

marcos formais do pensamento decolonial são dois textos que surgiram no contexto da colonização: Nueva Corónica y Buen Gobierno (1616), escrito por Waman Poma de Ayala, descendente de indígenas do império Inca; e Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery (1787), escrito por Otabbah Cugoana, ex-escravizado de origem ganense estabelecido na Grã-Bretanha (Lima, 2022, p.74).

A resistência intelectual à colonização se deu, portanto, concomitantemente à invasão dos colonizadores, mas uma arqueologia das ideias que assentaram as bases para as discussões mais recentes em torno da decolonialidade passa, sem dúvidas, por autores fundamentais da crítica ao estágio contemporâneo da modernidade, que trataram dos desdobramentos do domínio predatório capitalista-colonial na construção de identidades, nas condições de subalternidade e na produção de sujeitos em diáspora.

Autores como Homi Bhabha, Franz Fanon, Gayatri Spivak, Paul Gilroy, Stuart Hall, entre outros, são fundamentais para o caminho que começaria a se delinear a partir do início dos anos 1990. Os marcos temporais seriam [...] a publicação, em 1992, do texto clássico “Colonialidad y modernidad-racionalidad”, de Aníbal Quijano; e a fundação do Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, cujo texto inaugural foi publicado em 1993, nos EUA, e traduzido para o espanhol em 1998 (Lima, 2022, p. 73).

Valéria Belmonte (2022) ressalta o quanto a noção de pluriverso é fundamental para a abertura de trilhas epistemológicas para além



dos paradigmas do Norte Global: “Se entiende por pluriverso a la multiplicidad y diversidad de proyectos ético-políticos existentes en el mundo por fuera de la ontología moderno-occidental” (Belmonte, 2022, p.49-50). A busca por perspectivas de investigação aqui proposta convoca ao pluriverso a categoria político-cultural de amefricanidade, cunhada por Lélia Gonzalez (2020). Trata-se de um conceito que expande os caminhos metodológicos, ao levar em conta os movimentos empreendidos pelas comunidades, como destacado na seção a seguir.

Outro aspecto a ressaltar é a necessidade de contraposição à ideia de distanciamento científico como condição para legitimar o saber. Conforme Vívian Matias dos Santos (2018, p.5), “a colonialidade do saber tem como base a noção de que [a] dicotomia Sujeito x Objeto estabelece como Sujeito (Humano) do conhecimento a Europa e, como Objeto (Não humano), os povos colonizados e suas expressões de existência, capturadas como ‘exóticas’, bestiais”. Refutar discursos hegemônicos e não operar pela dicotomia e pelo maniqueísmo é uma escolha em sintonia com a “luta por justiça epistêmica, isto é, uma justiça que reivindica a igualdade entre os saberes e contesta a ordem do saber imposto pelo ocidente” (Vergès, 2020, p.39). A decolonização dos métodos de produção de conhecimento requer atenção para as oportunidades de insurgência em face

às múltiplas relações desiguais e discriminatórias derivadas da dicotomia central do paradigma moderno europeu – humano x não humano: quem é o sujeito do conhecimento x quem é dele objeto; quem merece ser escutado x quem deve ser silenciado; quem merece viver x corpos, vidas que não importam (Santos, 2018, p.7).

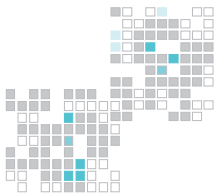
Ao modo da escrita de Grada Kilomba (2019)

em suas *Memórias da Plantação*, a ideia é cultivar métodos que contemplem um movimento duplo: “o de se opor àquele lugar de ‘Outridade’ e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo. Oposição e reinvenção tornam-se então dois processos complementares” (Kilomba, 2019, p. 28). É preciso atentar para os sujeitos, suas produções, contradições e condições multifacetadas, para além da redução aos estereótipos de vítimas ou de bastiões da resistência, para além, ainda, das individualidades; é fundamental levar em conta o sujeito coletivo que constitui as culturas dos povos originários; é necessário duvidar dos pontos cardeais da academia, que se pretende universal/universidade, e assim vislumbrar vias de acesso a trilhas pluriversais.

2. Performances, encruzilhadas e ebós

A partir de um giro conceitual, referenciado pelas noções assentes em Exu, a palavra caminho passa a empregar o sentido de possibilidades, concedendo, assim, não um único sentido ou direção [...]. Assim, dar caminho não é necessariamente apontar o trajeto, mas potencializar/praticar as possibilidades. A noção de caminho é ambivalente como Exu. (Rufino, 2019, p.109)

Em consonância com a epígrafe acima, defende-se encontrar/incentivar caminhos ofuscados pelo traçado devastador das avenidas coloniais; estar alerta para desviar das armadilhas da lógica ocidental; reconhecer os entraves e os obstáculos, em vez de projetar um trajeto idílico e isento de ambivalências; se perder para encontrar algum atalho; caminhar em espirais para retornar diferente aos tempos percorridos e enxergar singularidades em conjunto, tendo uma visão holística da estrada; retirar os antolhos que impõem trajetos teleológicos pautados na individualidade moderna, na ideia de progresso, e pensar sujeitos coletivos instaurando



possibilidades, temporalidades e territorialidades. As abordagens analíticas vislumbradas cruzam, então, a imersão nos saberes e fazeres artísticos e culturais, a contribuição das memórias, dos afetos e das sensibilidades junto com metodologias da ciência colonial, ao modo do que Luiz Rufino (2019) chama de “ebó epistemológico”.

O ebó epistemológico, como saber praticado, opera no alargamento da noção de conhecimento; para isso, os seus efeitos reivindicam uma transformação radical no que tange às relações de saber/poder. Ainda, confronta a noção desencantada do paradigma científico moderno ocidental, buscando transformá-lo a partir de cruzos com outras esferas do saber (Rufino, 2019, p.88, grifo do autor).

O ebó epistemológico envolvendo música e comunicação pode incluir teorias convencionalmente empregadas nas Ciências Sociais e nos estudos comunicacionais, a saber, as pesquisas que tratam da cultura da conectividade, da rede de agenciamentos entre os humanos e as coisas (Teoria Ator-Rede), as reflexões sobre as escutas conexas, os gêneros midiáticos e as performances transmídia; os estudos das cenas culturais e suas territorialidades e os estudos culturais latino-americanos; misturados com métodos de investigação do campo da etnografia, da antropologia e da geografia (Santos, 1997; Haesbaert, 2021) entre outros caminhos que venham a se apresentar.

El territorio también se forja como un criterio epistémico básico de la Comunicación-Decolonialidad, pues es el vehículo identitario, la concepción espacio-temporal de los cuerpos, así como la representación de la construcción visual simbólica y material del ethos (Lara, 2022, p.44).

Formulada por Leda Maria Martins desde 1991, a noção de encruzilhada “nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais” (Martins, 2021, p.51). Permite abordar os agenciamentos das territorialidades culturais incluindo a “conjunção de territórios geográficos e experiências afetivas” (Janotti, 2022, p.74). Tais experiências incluem investigar como “las plataformas y las prácticas sociales se constituyen mutuamente” (Van Dijck, 2016, p. 13), refletir sobre as performances presenciais (repertório) e também sobre as implicações de arquivos corporais e digitais (Taylor, 2013), combatendo o “processo de imposição tensiva dos sistemas discursivos sobre os sistemas performativos e a gradual negligência concedida às expressões ritualísticas, mnemônicas e gestuais como constitutivas dos processos de conhecimento e saber” (Cardoso Filho; Gutmann, 2022, p. 31). Como define Martins (2021, p. 51),

da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radical de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signíca diversificada e, portanto, de sentidos plurais.

Vale notar que a potência das ambivalências elencadas por Martins (2021) em nada se relaciona aos binarismos e maniqueísmos usualmente empregados em procedimentos colonialistas. Pensar a música e a comunicação na encruzilhada permite operar leituras semióticas transitando das imanências “estruturais” aos



contextos comunicacionais e culturais; das expressões aos sujeitos implicados nas criações e fruições, considerando seus lugares sociais, raciais, de gênero, dentre outros.

Mirar os temas de investigação pela lente da performance permite pensar as materialidades das esferas comunicativas, bem como a recepção como dimensão produtora de sentidos e não apenas passiva. Isso considerando que performance é comunicação e, como tal, mobiliza tanto o produtor quanto a produção propriamente dita e a instância receptora (Zumthor, 2000). Conforme Cardoso Filho e Gutmann (2022, p. 38), “as culturas da presença nos apontam que a atualização das obras é de natureza performativa (encerra um saber-fazer de orientação pragmática) e que essa performatividade é modulada, entre outras coisas, pela própria materialidade do significante”.

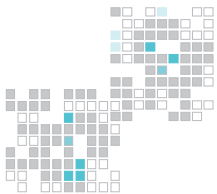
Interessa estudar a malha formada pelas performances em rede, entrelaçando os fios conceituais dos estudos relacionados à comunicação da música e abrindo espaço para as considerações advindas dos estudos literários, antropológicos, das artes cênicas e visuais, bem como dos saberes transdisciplinares. Busca-se “um olhar sobre as performances que leve em conta relações entre textos e contextos e privilegie uma abordagem historicizada dos gêneros midiáticos, dos usos da linguagem, das narrativas, dando conta de suas distintas temporalidades” (Cardoso Filho; Gutmann, 2022, p.47).

Isso implica em contextualizar as classificações dos produtos culturais a partir de territórios e temporalidades, entendendo que os sentidos das narrativas se dão de formas múltiplas a partir dos espaços-tempos em que elas são performatizadas, o que torna fundamental revisar as classificações de gênero musical e de outras linguagens no ebo epistemológico.

3. Caminhos abertos na Amefricanidade

Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que essa categoria está intimamente relacionada àquelas de pan-africanismo, négritude, blackness, afrocentrity etc. (Gonzalez, 2020, p. 151-152. Grifos nossos).

Estão no horizonte de inclusões metodológicas a **adaptação** de fazeres da ciência ocidental ao pluriverso das variadas ciências exoacadêmicas, a atenção para sujeitos e obras que apresentam **resistência** à colonialidade e aos epistemicídios, a **reinterpretação** dos discursos hegemônicos, a produção/**criação** de novas formas, métodos e discursos a partir de epistemologias amefricanas. Gonzalez indica que é necessário levar em conta a potência metodológica das produções da diáspora e das culturas africanas em suas aproximações e distinções—“a experiência amefricanas diferenciou daquela dos africanos que permaneceram em seu próprio continente” (2020, p.136). A pensadora elaborou a categoria por considerar inadequadas as autodesignações de afro-americano/africano-americano, empregadas pelos movimentos negros dos Estados Unidos, apontando que os termos reforçam o caráter “imperialista” do uso genérico da palavra “americano” como identificação dos estado-unidenses. Assim, a adoção de um termo equivalente como afro/africano-brasileiro, embora sinalize para uma posicionalidade menos dominante do ponto de vista geopolítico e econômico, também aparta experiências em comum com os demais sujeitos afro-diaspóricos



e povos originários das Américas.

Não obstante reconhecer a forte influência africana na formação histórico-cultural das Américas, Gonzalez traz de forma inovadora a percepção de que, desde o período colonial, os amefricanos estavam expostos a violências que não ocorreram de forma semelhante nos países da África: racismo, imposição dos valores europeus/patriarcais, sexismo, dentre outras. Ela compreende que atribuir exclusivamente à África as potências contra-hegemônicas que se dão, por exemplo, no Brasil é obliterar as soluções inventivas e originais produzidas pelos amefricanos.

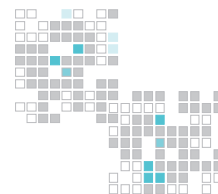
Lélia Gonzalez reivindica a importância de se reconhecer um fazer próprio da experiência amefricana. Para ela, tentar achar as “sobrevivências” da cultura africana no continente americano, atribuindo à África aquilo que aqui é produzido, é um equívoco que pode encobrir as resistências e a criatividade da luta contra a escravidão, contra o genocídio e a exploração que por aqui se desenvolveram (Pires, 2019, p.70).

Flávia Rios (2019), uma das organizadoras da mais robusta compilação de textos produzidos por Lélia Gonzalez, ressalta que “she developed this category to account for the collective identity formed by the groups from the different societies in the region. Taking into consideration this ethnic plurality and, at the same time, seeking solidarity on common ground” (Rios, 2019, p.78). Gonzalez enfatiza que “amefricana” é uma designação que contempla os intercâmbios entre os povos originários pré-colombianos e aqueles vindos de diferentes nações africanas a partir do século XVI, que partilham experiências de resistência aos epistemicídios e comungam na luta contra a colonialidade por vias diversas. “Seu valor metodológico [...] está no fato de

permitir a possibilidade de resgatar uma **unidade específica**, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo” (Gonzalez, 2020, p.152, grifos da autora).

A afirmação da amefricanidade suscita um pensamento/posicionalidade espiralar que, ao mesmo tempo em que se situa na América, evoca saberes ancestrais, a conectividade propiciada pelas mídias digitais e os trânsitos globais contemporâneos. Para Gonzalez (2020, p. 135), “América, enquanto sistema etnogeográfico de referência [...] designa toda uma descendência: não só os africanos trazidos pelo tráfico negroiro como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo”.

Amefricanidade, enquanto categoria, tem caráter pioneiro por sugerir o cruzo de saberes de povos das Américas pré e pós-colonial, tensionando os métodos acadêmicos convencionais. Lélia divulga seu pensamento sobre a categoria amefricana na segunda metade dos anos 1980 quando, como sintetiza Claudia Pons Cardoso (2014, p. 965), “inaugura (...) a proposição de descolonização do saber e da produção de conhecimento e, atuando como ‘forasteira de dentro’ (*outsider within*), como define Patrícia Hill Collins, questiona a insuficiência das categorias analíticas das Ciências Sociais para explicar, por exemplo, a realidade das mulheres negras”. Em lugar dos estudos compartimentados da ciência moderna, Gonzalez propõe entrecruzar categorias empregadas de forma estanque na sociologia convencional, antecipando-se ao conceito de interseccionalidade. Nesse sentido, a “proposta de Lélia Gonzalez é epistemológica, pois, do ponto de vista da amefricanidade, propõe a abordagem interligada do ‘racismo, colonialismo, imperialismo e seus efeitos’” (Cardoso, 2014, p. 970). Mas como se daria, na prática, a potência epistêmica da amefricanidade e seu emprego?



Para Cardoso (2014, p.972), a categoria

tem força epistêmica, pois pretende outra forma de pensar, de produzir conhecimento, a partir dos subalternos, dos excluídos, dos marginalizados. Desloca mulheres e homens negros/os e indígenas da margem para o centro da investigação, fazendo-as/os sujeitos do conhecimento ao resgatar suas experiências no enfrentamento do racismo e do sexismo.

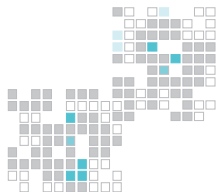
Observar esses enfrentamentos destacados por Gonzalez pode abrir trilhas metodológicas. A pensadora ressalta que, além de ocorrer na esfera pública, nas lutas pela libertação, a resistência se dá nas frestas, na esfera privada. Ela se refere à manutenção, adaptação e difusão de saberes ameaçados de epistemicídio mediante a agência das chamadas “mães pretas”, rezadeiras, cozinheiras, sambadeiras e outras mulheres e homens subalternizados que introduziam elementos de suas culturas no cotidiano branco/colonial. Esses sujeitos corroboraram para o não apagamento das epistemes dos diferentes povos africanos e indígenas de maneira sutil. Eram geralmente indígenas, africanos e afrodescendentes qualificados como “ladinos” em comparação aos africanos recém-chegados ao Brasil, que eram adjetivados como “boçais” porque ainda não dominavam os códigos locais. “Ladinity in this sense is precisely this capacity of the enslaved and their descendants to manipulate codes to simulate adherence, when in fact they produced dissent” (Pinho, 2019, p.42). Gonzales propõe a denominação América Ladina em lugar da eurocêntrica nomeação América Latina, defendendo que o adjetivo ladino sinaliza para o que considero um procedimento metodológico produtivo para as investigações comunicacionais: a introdução dos múltiplos saberes dos diferentes sujeitos excluídos nos espaços coloniais do saber convencional.

For Gonzalez, to think of América Ladina, and not América Latina, is/was a multiple subversion. First, it foregrounds the groups subordinated by the patriarchal and colonial system on the continent. Secondly, because it emphasizes this reality, the notion also highlights the experiences and the forms of resistance of black and indigenous woman. Thirdly, it seeks transnational solidarity without denying the pluralities of the territorial, cultural and demographic formations of each country. Fourthly, the idea of América Ladina problematizes the categories and languages created within colonial thought. Lastly, it represents an anti-imperialist approach to North America [...] (Rios, 2019, p. 78).

O conceito de América Ladina e a categoria político-cultural de amefricanidade são complementares, estão inter-relacionados e reconhecidamente ambos produzem insurgências epistemológicas decoloniais.

O conceito de “amefricanidade” que ela desenvolve nada mais é do que uma crítica à “latinidade” da América Latina como uma forma de eurocentrismo, que negligencia as raízes africanas e indianas das culturas atuais do continente. Ao apresentar a amefricanidade como uma forma de resistência, reapropriação e construção de uma nova cultura e de novas identidades, Lélia Gonzalez abre caminho para uma crítica à colonialidade do conhecimento enraizada na experiência de algumas das regiões mais desfavorecidas do Sul. (Falquet; Kian, 2015, p.4)²

² Tradução livre de: *Le concept d'améfricanité qu'elle y développe n'est en effet pas autre chose qu'une critique de la "latinité" de l'Amérique Latine comme une forme d'eurocentrisme, qui néglige les racines africaines, mais aussi indiennes, des cultures actuelles du continent. En posant l'améfricanité comme une forme de résistance, de réappropriation et de construction d'une nouvelle culture et de nouvelles identités, Lélia Gonzalez ouvre la voie à une critique de la colonialité du savoir enraciné dans l'expérience des franges parmi les plus dominées des Suds.*



Como percebe Thula Pires (2019, p. 69), “a amefricanidade reposiciona o eixo da percepção sobre o legado da colonialidade”. Do ponto de vista heurístico, convida reposicionar os temas, paradigmas e métodos da ciência eurocêntrica. “A amefricanidade não é sobredeterminada pelo continente africano, tampouco pela hegemonia eurocêntrica. Produz-se a partir da resistência e criatividade” (Pires, 2019, p.69). Alguns caminhos de investigação musical podem ser, por exemplo, pensar a história da música brasileira incluindo gêneros populares amefricanos como o funk carioca não somente como um fenômeno *pop* que projetou nomes como Anitta³, nem como lugar de polêmicas em torno do sexismo. A trilha decolonial pode permitir pensar essa cena musical como uma ladina ocupação-denúncia dos espaços urbanos, midiáticos e mentais; uma apropriação insurgente dos artefatos tecnológicos, considerando a espiral de memórias de sobrevivência que aciona tecnologias corporais da dança, canto e toque; pensar as letras sobre sexo não pelo maniqueísmo e sim pela ambivalência entre o tensionamento da moral patriarcal e a violência histórica do sexismo, incluindo outras reflexões atinentes a essa expressão da sociedade contemporânea; também investigar o funk como tema que suscita as reflexões musicológicas e comunicacionais usualmente observados nos estudos musicais.

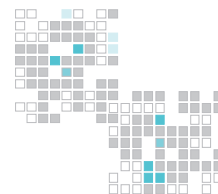
4. Cartografar e ampliar o horizonte da investigação musical

Realizar ebós amefricanos requer perspectivas reterritorializadas dos estudos sobre gênero musical e/ou midiático, um *lôcus* teórico que vem balizando as abordagens comunicacionais da música. Como alerta Janotti Jr. (2022, p. 14),

os cortes geopolíticos, etários, de gênero e raça não funcionam só como marcadores sociais, mas como importantes materialidades para se repensar o colonialismo epistemológico efetuado pelo etnocentrismo e pela heteronormatividade presentes na análise dos gêneros musicais levadas a cabo a partir de visadas oriundas do rockcentrismo.

Os paradigmas do rock e do *pop* e a introjeção de conceitos e abordagens produzidos pelos estudos culturais europeus, norte-americanos e canadenses para tratar desses gêneros, que eram de alguma forma “marginalizados” pelos defensores da chamada “alta cultura”, se mostraram espaços disparadores de pensamentos insurgentes na produção acadêmica relativamente recente (décadas de 1990 a 2010). Entretanto, em um debate do Grupo de Pesquisa Música, Comunicação e Entretenimento, ocorrido no congresso da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), em 2022, sobre estudos da cena de música eletrônica no início dos anos 2000 em Salvador, por exemplo, nos demos conta do volume de estudos sobre o *indie* rock e da escassez de trabalhos acadêmicos sobre a *e-music*, uma ausência que diz respeito também a outros gêneros globais ou locais. Nesse mesmo período, o ijexá, o samba de roda, a música do maculelê e da capoeira, os cantos sagrados dos terreiros etc. passavam ao largo da maioria dos estudos do campo da comunicação, que, ao ignorá-los, driblavam o desafio de encontrar operadores e métodos fora de suas zonas de conforto. Atualmente, avançou-se em escolhas temáticas relacionadas à produção musical e comunicacional do chamado Sul Global (Oliveira, 2018; Gumes; Gusmão, 2021; Pereira de Sá, 2021); em reflexões teórico-metodológicas que propõem a revisão de paradigmas analíticos, a fim de considerar as implicações de classe, raça, performances de gênero e condições geopolíticas

³ Para mais informação sobre a artista, consultar o site oficial disponível em: <https://anitta.com.br/>. Acessado em 06 jun. 2023.



(Janotti Jr., 2022); nos trabalhos que se propõem a pensar as cenas musicais mobilizando elementos da cosmologia negra (Queiroz, 2020; Sodré, 2017); nos agenciamentos de conceitos do feminismo negro para compreender a música afro-diaspórica (Lima, 2023).

A comunicação e o fazer artístico contemporâneos tendem a dialogar (com) e, muitas vezes, se constituem na própria materialização da “cultura que foi desprezada pelos intelectuais da cultura letrada, que é a cultura visual, a cultura oral, sonora e gestual” (Martín-Barbero, 2009b, p.23). Países do Sul Global partilham historicamente a contingência da conexão direta da cultura oral com a cultura do audiovisual, uma vez que havia baixos índices de letramento em sua população quando do advento do rádio e da televisão. Esta contingência produziu peculiaridades no *ethos* latino-americano e também uma distinção epistemológica e criativa que interessam enquanto vertentes auspiciosas para o estabelecimento de métodos de investigação, compreensão e criação. A infértil dicotomia entre música *pop* e tradição popular, nos estudos comunicacionais da música, ignora o fato de que a digitalização da cultura toca direta ou indiretamente toda a realização cultural contemporânea. Mesmo nas produções gestadas no campo da oralidade, há elementos oriundos do repertório dos sujeitos produtores, que inevitavelmente estão imersos na comunicação digitalizada mediante o uso de telefones celulares e outros aparelhos. Mesmo as produções que ocorrem em ambientações aparentemente exógenas ao ambiente midiático possuem, portanto, aspectos que podem ser abordadas de uma visada comunicacional.

De uma perspectiva heurística, o emprego da cartografia das mutações (Martín-Barbero, 2009a; 2009b; 2014) apresenta-se como trilha para compreender a comunicação amefricana no âmbito das interseccionalidades (Gonzalez,

2020; Collins, 2019; Davis, 2017). “Quando Martín-Barbero convoca que olhemos para as mutações culturais (...) o esforço aqui é o de entender transformações do tempo e do espaço. (...) Os deslocamentos, neste âmbito, exigem que o sentido geográfico se amplie para validar os movimentos informacionais” (Gomes *et al*, 2017, p.151). Propõe-se a discussão e verificação da aplicabilidade de pressupostos teóricos sobre as mediações, desenvolvidos na América Latina, em diálogo interdisciplinar com metodologias de subáreas vinculadas às Ciências Sociais, Ciências Humanas, à área de Linguística, Letras e Artes e com ciências extra acadêmicas. Esses cruzos e rolês metodológicos abarcam – vale repetir – as contribuições dos saberes pluriversais encontrados em campo, no intuito de fomentar uma epistemologia decolonial e pautada no contexto da amefricanidade.

Considerações Finais

Cartografar, incluindo nos traçados a malha das performances e os saberes extra acadêmicos é, de antemão, uma metodologia na encruzilhada, como ressalta Martins (2021, p.51): “a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos”. Neste texto, abordou-se o desafio de promover o cruzo das teorias do Sul e do Norte globais e fomentar metodologias amefricanas que possibilitem a decolonização dos estudos comunicacionais da música e da cultura, abrindo caminhos pluriversais que potencializem resistências e acionem freios para os epistemicídios em curso no atual contexto de colonialidade pós-colonização, desconstruindo binarismos e considerando espacialidades e temporalidades para além da lógica ocidental. Apontou-se a necessidade de estudos que reencantem e ampliem o fazer



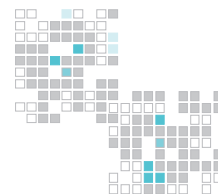
científico a partir do cruzo entre a produção acadêmica institucionalizada e a produção contra-hegemônica dos sujeitos em situação de colonialidade.

Sugere-se, então, considerar as seguintes ações: refletir sobre produções da comunicação, da arte e da cultura com atenção para os sujeitos e seus atravessamentos da ordem das problemáticas sociais, culturais, identitárias e/ou estéticas decorrentes da colonialidade, a fim de produzir conhecimentos pluriversais e inclusivos; buscar a reversão da inércia dos movimentos unidirecionais epistemicidas a partir da relativização e da problematização dos saberes coloniais; combater os discursos de neutralidade eurocêntricos com atenção para as interferências dos privilégios da branquitude, do perfomar masculino cisgênero, do sistema político-econômico vigente, dentre outros

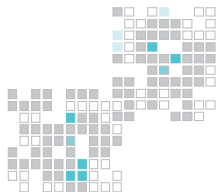
atravessamentos que vêm sendo estrategicamente “naturalizados” nas metodologias coloniais; experimentar práticas desviantes do discurso binário-reificante do distanciamento científico, considerando os sujeitos da pesquisa em suas complexidades e agências, bem como as agências, o lugar de fala e as subjetividades de quem investiga; atentar para o fato de que a posição periférica não se reduz à vitimização, porque implica também uma intensa e potente produção amefricana insurgente e contra-hegemônica; confrontar as ideias preconcebidas acerca das tecnologias de comunicação, da datificação e do consumo, considerando as soluções criativas de construção da memória, das sensibilidades, das narrativas e das performances ladinas que se espriam por diferentes corpos, mídias, temporalidades e espacialidades no Sul Global.

Referências

- BELMONTE, Valéria. Aportes a comunicaciones otras: trânsitos investigativos decolonizantes. In: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). *Decolonialidade, comunicação e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2022.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria alternativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22 n.3 p. 965-986, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>. Acesso em: 23 mai. 2023.
- CARDOSO FILHO, Jorge; GUTMANN, Juliana Freire. Performances em contextos midiáticos: MTV BR & Rock SSA. Salvador: EDUFBA, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FALQUET Jules; KIAN, Azadeh. Introduction: Intersectionnalité et colonialité. *Les cahiers du CEDREF*, v. 20, p. 1-8. Paris, junho de 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cedref/731>. Acesso em: 27 mai. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GOMES, Itania Maria Mota; SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira dos; ARAÚJO, Carolina Santos Garcia de; MOTA JÚNIOR, Edinaldo Araujo. Temporalidades Múltiplas: análise cultural dos videoclipes e da performance de Figueroas a partir dos mapas das mediações e das mutações culturais. *Contracampo Revista da UFF - Niterói* v.36 n. 3, dez/2017-mar/2018, p. 134-153, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GROSFUGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.



- GUMES, Nadja Vladi; GUSMÃO, Roney. Corpo, Discurso e cidade: Larissa Luz como arquétipoda resistência pós-moderna. *NAVA*, v. 7, n. 1, dezembro 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/35215/23757>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.*
- hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Trad. Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.
- JANOTTI JR., Jeder. Deambulações e Prescrições em Torno dos Regimes de Escuta Conexa. *Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom: 2021. v. 1. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-me/jeder-silveira-janotti-junior.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.
- JANOTTI JR., Jeder. Sobre o valor dos gêneros musicais: desvelando as encenações do rockcentrismo na axiologia das categorizações musicais. *Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom: 2022. v. 1. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0717202219584062d49420f0df5>. Acesso em: 10 set. 2022.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LARA, Eloína Castro. Hacia la Comunicación (en)clave decolonial. Acercamientos y articulaciones. In: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA Verônica Maria Alves; LARA, Eloína Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). *Decolonialidade, comunicação e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2022.
- LIMA, Tatiana Rodrigues. Quatro instâncias de empoderamento e um maracatu feminista. *Ação Midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 1, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/87433>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- LIMA, Verônica Maria Alves. Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo. In: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA Verônica Maria Alves; LARA, Eloína Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). *Decolonialidade, comunicação e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2022.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Dafne Melo. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. Entrevista à revista Fapesp. *Revista Fapesp*, 163 ed. set. 2009a.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. *MATRIZES*, São Paulo, v.2, n.2, 2009b. p.143-162.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade*. Trad. Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais - v. 32 n° 94, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- OLARTE, Karina. Desde la teoría crítica hacia el pensamiento decolonial. Un aporte a la comunicología actual. In: MEMORIAS del XIII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2016. Disponível em: <https://www.alaic.org/wp-content/uploads/2022/03/GI-1-Comunicacio%CC%81n-de-Colonialidad.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- OLIVEIRA, Luciana Xavier de. *A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970*. Salvador: Edufba, 2018.
- PEREIRA DE SÁ, Simone. *Música pop-periférica brasileira: videoclipes, performances e tretas na cultura digital*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- PINHO, Osmundo. Introduction / Dossier: El pensamiento de Lélia Gonzalez, un legado y un horizonte. *LASA Forum*, v. 50, n. 3, 2019. p.41-43. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/past-issues/vol50-issue3.php>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- PIRES, Thula. Direitos humanos e América Latina: Por uma crítica americana ao colonialismo jurídico *LASA Forum*, v. 50, n. 3, 2019. p. 69-74. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/past-issues/vol50-issue3.php>. Acesso em: 26 mai. 2023.
- QUEIROZ, Tobias A. A cosmologia negra para os estudos de comunicação e música. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 22, n. 2, p. 455-472, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3772>. Acesso em: 14 set. 2022.
- RIOS, Flávia. América Latina: the conceptual legacy of Lelia Gonzales (1935-1994). *LASA Forum*, v. 50, n. 3, 2019. p.75-79. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/past-issues/vol50-issue3.php>. Acesso em: 30 mai. 2023.



- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade* (30). Recife-PE, Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFPE, 2018, pp. 1-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/FZ3rGJJ7FX6mVyMHkD3PsnK/?lang=pt>. Acesso em: 1º mai. 2022.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- TORRICO VILLANUEVA, Erick R. *Comunicación (re) humanizadora: Ruta decolonial*. Quito: Ediciones Ciespal, 2022.
- TORRICO VILLANUEVA, Erick R. La Comunicación Decolonial, Perspectiva In/Surgente. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* [S. l.], v. 15, n. 28, 2018. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/472>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- VAN DIJCK, José. *La cultura de la conectividad: Una historia crítica de las redes sociales*. Trad. Hugo Salas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamiel Pinheiro Dias; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Educ (PUC-SP), 2000.

Recebido em: 14/03/2023. Aceito em: 10/06/2023

